

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS  
SÉRIE ENSAIOS

Nair Castro Soares  
Margarida Miranda  
Carlota Miranda Urbano  
(Coord.)

*HOMO ELOQVENS HOMO POLITICVS*

A RETÓRICA E A CONSTRUÇÃO DA  
CIDADE NA IDADE MÉDIA  
E NO RENASCIMENTO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

RENASCIMENTOS DA ARTE RETÓRICA E  
GLOBALIZAÇÃO

Belmiro Fernandes Pereira

Se a retórica, com a revolução romântica, entrou em descrédito, rejeitada em nome de uma pretensa espontaneidade e sinceridade poéticas, se os estudos retóricos foram, depois, perdendo importância, sobretudo nas escolas da Europa continental, tal facto não significou, como muitos pensaram e alguns desejaram, a morte de uma arte transmitida ao longo de mais de vinte e cinco séculos, nem a sua exclusão, pelas forças criadoras do génio, para o limbo das coisas inúteis<sup>1</sup>. Exemplo paradigmático é o caso de Henri-Iréné

---

<sup>1</sup> Na Literatura Portuguesa uma das vozes que se ergueram contra o normativismo estéril da «Arte infeliz, rhetorica chamada» foi Nicolau Tolentino, poeta que a contragosto se viu «mestre de meninos»; da retórica escreve: «Ensino as tuas leis, mas não as creio:/ Ou nunca ergueste fogo em peito alheio, / Ou tu já hoje estás degenerada». Em sentido contrário, porém, se pronunciou Camilo: «o extermínio da Retórica foi uma calamidade para os que pretendem comover. A gente, dantes, conhecia umas figuras de eloquência que puxavam aritmeticamente um certo número de lágrimas das coisas, *lacrimae rerum*, aos olhos das pessoas. Se a glândula do líquido sentimento não se abria ao toque da metáfora, era seguro fender-se golpeada pela penetrante hipérbole. Hoje em dia já se não chora senão com uma oftalmia» (Camilo 1903, 2ª ed.: 54-55). Em boa verdade, a generalização das proclamações anti-retóricas é anterior ao romantismo pois é possível documentá-la desde finais do séc. XVI. Como observou Fumaroli, *os clássicos* franceses, de Montaigne a La Fontaine, parecem unânimes no desprezo por *la rhétorique* (vejam-se os ensaios de Montaigne «Sur la vanité des paroles», «Contre Cicéron», ou a fábula de La Fontaine «Le charlatan»). No entanto, hoje, estuda-se com afínco a retórica destes autores, pois La Fontaine, por exemplo, não só

Marrou que teve de fazer a sua palinódia na *Retractatio* que acrescentou à reedição de *Saint Agustin et la fin de la culture antique* (1937):

«Je ne puis relire sans rougir le chapitre que j'ai consacré à la rhétorique chez Saint Agustin et notamment à la dispositio. 'Saint Agustin compose mal' (p. 61): jugement d'un jeune barbare ignorant et présomptueux. Depuis que la rhétorique antique a cessé d'être enseignée dans nos écoles, les intellectuels français ne connaissent plus cette technique fondamentale et notre communion avec les classiques en est bien diminuée, sinon compromise ».

Ao contrário do que se poderia supor, foi a retórica, em tempos de fascínio pela utilidade imediata dos saberes e técnicas, de entre as artes da palavra, aquela que veio a revelar-se o instrumento mais necessário e eficaz nas sociedades que, ao longo do séc. XX, sofreram e beneficiaram dos efeitos da aceleração histórica. Com efeito, se a comunicação, no passado, era naturalmente limitada pelo espaço – do tribunal, da assembleia, da igreja, da praça pública –, por não haver maneira de propagar mais além a voz humana, no nosso tempo, instrumentos e técnicas cada vez mais aperfeiçoadas permitiram dar à palavra força incoercível e eficácia inaudita.

É verdade que há muito o homem vencera as barreiras do tempo, por meio da escrita, e lograra a propagação do discurso através do livro impresso: a retórica constitui-se como arte na Grécia do séc. V

---

tomava fábulas da *Retórica* aristotélica (2. 20), como recomendava o estudo diuturno de Quintiliano (Fumaroli 1986 : 33-51).

a. C., quando se expande o conhecimento e uso da escrita; a retórica renasce na Itália do Quattrocento, quando beneficia das possibilidades oferecidas pelo invento de Guttenberg; com a imprensa, a retórica pôde transformar-se em retórica literária. Mas esse era um tempo diferido, que alterava as condições da situação comunicacional, e quando, em diferentes momentos e por razões várias, a retórica é reduzida a técnica de análise e composição, perde a sua dinâmica; padecendo de *letteraturazione*, deleita, talvez ensine, deixa porém de impelir à acção: a distância entre orador e ouvinte dificulta o ofício de persuadir. Esse foi o tempo da retórica *senza microfono*.

O século passado viu nascer a comunicação de massas, a difusão do discurso, escrito e oral, à escala planetária, mercê de poderosos meios de amplificação da voz humana; o meio frio da galáxia de Guttenberg, rapidamente substituído pelos canais quentes da era de McLuhan; mas viu também como tamanho poder perverte a verdadeira comunicação; na pólis deste nosso tempo, saturado de discurso e informação, de novo manda a palavra por limitada que seja a isegoria (Calboli 1983: 23-56 e Verdelho 1986: 139-156).

Na Europa a recuperação da retórica processou-se sobretudo a dois níveis, no plano filosófico e no campo dos estudos linguísticos e literários. A filosofia há muito tempo que excomungara a retórica; Descartes e Kant prolongaram a seu modo a atitude anti-retórica que desde Platão marcava o pensamento filosófico. A reabilitação da retórica neste domínio inicia-se em 1952,

quando Chaim Perelman e Olbrechts-Tyteca publicam uma colectânea de artigos sob o título *Rhétorique et Philosophie*; aí proclamam o seu propósito de estudar «les moyens d'argumentation, autres que ceux relevant de la logique formelle, qui permettent d'obtenir ou d'accroître l'adhésion d'autrui aux thèses qu'on propose à son assentiment» (Lempereur 1990: 117)<sup>2</sup>. Em 1958 sistematizam essa teoria no *Traité de l'argumentation* que apresentam como *nouvelle rhétorique*. Para resolver o velho dissídio entre retórica e filosofia, Perelman regressa à tradição clássica elegendo como texto fundacional a *Retórica* de Aristóteles<sup>3</sup>.

As proposições filosóficas não se impõem pela sua evidência, dependem da argumentação, já que, como distinguiam os antigos, persuadir é mais que convencer: se a convicção provém da razão, a persuasão emprega meios irracionais que geram a força que conduz à acção; importa, pois, investigar os recursos que permitem ganhar a adesão do leitor ou ouvinte, definido não como um ser lógico mas como um ser sugestionável. Perelman não pretende apenas reabilitar a retórica enquanto disciplina e teoria da argumentação, ambiciona mais, quer estabelecê-la como *regina scientiarum* (Cohen 1994: 69-82). Partindo do tratado aristotélico propõe uma nova retórica que exclui dos seus interesses implicações

---

<sup>2</sup> A introdução ao *opus magnum* de Perelman e Olbrechts-Tyteca, «Nouvelle Rhétorique: Logique et Rhétorique», constitui o cap. 5 do volume em que Lempereur colige trabalhos das figuras mais marcantes de três gerações da Escola de Bruxelas: Eugène Dupréel (1879-1967), Chaim Perelman (1912-1984) e Michel Meyer.

<sup>3</sup> Sobre esta questão vd. Ijsseling, S. 1976.

psicológicas e estéticas; alarga a noção de auditório, identificado com o ouvinte universal, redefine o género epidíctico centrando-o no juízo de valor, sobreleva as noções, reelaboradas a partir da teoria clássica, de auditório, ouvinte, acordo e consenso. Perelman assinala os condicionamentos pragmáticos da demonstração que tem de ser sempre comunicada e aceite. A nova retórica apresenta-se, por conseguinte, como uma metodologia que legitima decisões e comportamentos e que tem nas ciências humanas, na religião e na filosofia, na moral e no direito, o seu campo de aplicação (Manassero 1994: 288-293).

Perelman interessava-se pela lógica jurídica e especializara-se nas teorias de Frege; Tyteca tinha formação na área da sociologia, psicologia social e economia política. Não eram, portanto, classicistas, nem sequer filósofos profissionais, mas, por diferentes vias, convergiram numa conclusão: a lógica formal não se revelava particularmente eficaz na análise das componentes emotivas e irracionais do discurso político; assim, procurando esclarecer o uso racional de elementos estranhos à lógica formal, chegaram à retórica clássica e, naturalmente, à *Rhetorica* e aos *Topica* de Aristóteles. Perelman sempre preferiu definir a retórica como a arte de bem falar de modo persuasivo, estudo dos métodos que permitem agir sobre o auditório para obter a sua adesão e alcançar o consenso, definição que está na raiz do conflito entre filósofos e retores, entre um ideal contemplativo e um método educativo destinado

a formar cidadãos comprometidos com a pólis<sup>4</sup>. Como o conhecimento da verdade absoluta está fora do tempo e não produz necessariamente a acção justa, importa voltar às partes do *Organon* que tratam do elogio e da reprobção, do justo e do injusto, do oportuno e do inoportuno, em suma, dos procedimentos indispensáveis para enfrentar os problemas práticos que relevam para o mundo dos valores. Perelman rejeita, por conseguinte, o racionalismo matemático de Seiscentos mas, igualmente, o irracionalismo romântico, afirmando a função essencial da linguagem como instrumento de comunicação filosófica. Considerando o íntimo nexos que une *res* e *uerba*, consciente do facto de que qualquer acto linguístico obriga a tomar partido, a escolher um certo ponto de vista, a *nouvelle rhétorique* adquire uma consciência clara e positiva do valor específico das técnicas retóricas, mormente no campo do discurso ético, jurídico e político que implica sempre uma decisão em matéria axiológica (Vasoli 1975:15-36).

Mais interessante ainda se nos antolha, até por constituir um aspecto relativamente descuro da sua obra, a recuperação da arte oratória feita mais recentemente por um profundo conhecedor da retórica

---

<sup>4</sup> A noção de método, popularizada por Ramée e pelo ramismo, era corrente entre os humanistas do Renascimento. A retórica mostra a sua utilidade como *uia*, como método de disciplina intelectual; Marc-Antoine Muret, Tomé Correia ou os mestres jesuítas não se cansam de frisar as vantagens desta arte enquanto método racional, *uia ac ratio*, que permite encontrar os meios mais adequados para persuadir a multidão (no dizer do humanista português que ensinou retórica em Roma e Bolonha, *methodus cuiuslibet rei docendae*).

grega, Hans-Georg Gadamer, filósofo e classicista que em textos publicados em 1967 e 1976 mostrou até que ponto a arte da persuasão subjaz à sua arte de compreender e de tornar compreensível (Gadamer 1994, 2ª ed.)<sup>5</sup> É preciso insistir hoje, adverte Gadamer, que a racionalidade da argumentação retórica – que, recorrendo aos afectos, reivindica fundamentalmente os argumentos e trabalha com probabilidades – é e continuará a ser um factor condicionante da sociedade muito mais poderoso que a certeza da ciência (Gadamer 1994, 2ª ed.: 394).

No campo dos estudos linguísticos e literários, o eclipse da retórica foi mais aparente que real. As doutrinas prescritas nas cinco partes canónicas da arte perviveram, em diferentes graus, desde logo na história literária, embora esta se tenha constituído no clima positivista do fim do séc. XIX, «avec un fort indice polémique à l'égard de la rhétorique, considérée comme l'empire des grands choses vagues dont les études savantes devaient se délivrer» (Fumaroli 1987-88: 417-434)<sup>6</sup>. Se a revolução romântica, com Victor Hugo e Taine,

---

<sup>5</sup> O próprio autor confessa essa dívida na sua autobiografia filosófica: «Comencé así un nuevo estudio planificado de la filosofía clásica (bajo la guía de Paul Friedländer), con atención preferente además de a los filósofos griegos, sobre todo a Píndaro, iluminado por el ya entonces accesible Hölderlin... y a la retórica, cuya función complementaria de la filosofía presentí entonces y que me ha acompañado hasta la elaboración de mi hermenéutica filosófica» (Gadamer 1994, 2ª ed.: 382).

<sup>6</sup> Gustave Lanson (1902) proclama a recusa da retórica e a sua substituição pelo estudo histórico das obras literárias: história literária e nacionalismo de mãos dadas, segundo o modelo da *Geistesgeschichte* alemã.

recusa a estética clássica, em nome do entusiasmo e da inspiração, rejeitando a aliança entre retórica e filosofia, em favor de um rigoroso e presumido cientismo, manifesta simultaneamente uma paixão paradoxal pela poesia nocturna e pela ciência iluminadora que afastaria as trevas do obscurantismo. Ora, por estranho que pareça, essa poética do génio retoma em V. Hugo ideias essenciais do *De oratore* ciceroniano e, contra todas as expectativas, é na natureza retórica do historicismo de Taine que Lanson encontrará a tábua de salvação da pedagogia literária, quando se interromper o ensino oficial da retórica (Fumaroli 1979: 363-373)<sup>7</sup>. Por isso, a partir do romantismo, os tratados de retórica clássica são substituídos por retóricas literárias que, para frisar a sua novidade, passam a denominar-se estética, poética, crítica.

A recuperação da retórica como disciplina literária virá prolongar uma tendência muito antiga: reduzida à *elocutio*, a retórica será revalorizada enquanto estilística ou ciência da expressividade. Esta ‘redução tropológica’, proveniente do ramismo quinhentista e ilustrada no séc. XVIII nos tratados de Dumarsais e Fontanier, perdura no séc. XX no formalismo russo e nas teorias

---

<sup>7</sup> A estética romântica radica nas noções de *ingenium e iudicium* da retórica antiga; *race, milieu, moment*, conceitos essenciais na teoria de Taine, traduzem as ideias de *natura, opinio/mores e tempora*. Por isso, escreve Marc Fumaroli (1979 : 363-373), «l’histoire littéraire, telle que la conçoit Lanson, n’est pas seulement une science, au sens germanique: c’est aussi et surtout un substitut de l’ancienne rhétorique, une psychagogie de la sensibilité littéraire, fondée sur l’admiration et la connaissance intime des chefs-d’oeuvre». Vd. também G. Genette (1969).

do grupo  $\mu$  de Liège. A linguística e a teoria literária apropriam-se da tradição, restringindo a retórica à *elocutio*, ao estudo das figuras, circunscrito por vezes à metáfora e à metonímia. Por essa razão reclama Gerard Genette o rejuvenescimento da retórica, sugerindo, como ponto de partida, o ensaio de Roland Barthes, a famosa *Aide Mémoire* em que o autor considera o conhecimento da retórica clássica alicerce indispensável da moderna semiótica. Com efeito, Barthes, nesse texto – modesto e datado, mas, sem dúvida, importante pelo efeito que produziu no espaço francófono e francófilo –, tinha proclamado: «le monde est incroyablement plein d'ancienne Rhétorique». Mas, enredado na ganga da época, Barthes não augura qualquer futuro à retórica; admitindo apenas a necessidade de elaborar a história do seu passado glorioso, conclui com uma frase que os últimos trinta anos se encarregaram de desmentir: «( ) ni une technique, ni une esthétique, ni une morale de la Rhétorique ne sont plus possibles, mais une histoire? Oui, une histoire de la Rhétorique (comme recherche, comme livre, comme enseignement) est aujourd'hui nécessaire, élargie par une nouvelle manière de penser (linguistique, sémiologie, science historique, psychanalyse, marxisme)» (Barthes 1970: 172-229)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Lamenta o autor a inexistência de uma história ou manual de retórica, por modesto que seja. Por sentir a falta de um compêndio de retórica antiga, redigiu essa *aide-mémoire* como propedêutica pessoal. A descrição do sistema retórico que oferece é útil, mas simplista e padece das limitações que decorrem do desconhecimento da extensa bibliografia que já então existia para a história da retórica; por outro lado, se o esforço é bem intencionado, não deixa de incorrer em preconceitos, nem evita uma certa arrogância:

A verdade, porém, é que o ostracismo a que a retórica foi votada não foi geral; em alguns países continuou a ser ensinada de forma sistemática e noutras renasceu com enorme fulgor. Assim sucedeu na América do Norte com a criação de *Departments of Speech* em muitas universidades e a proliferação de manuais e cursos de *rhetoric and composition*, destinados a responder às necessidades de um novo estilo de vida, guias que ensinam de repente a bem falar, dirigir reuniões, manter conversas mundanas e a escrever cartas formais ou de amor. O desenvolvimento dos meios de comunicação, a mobilidade de uma sociedade que valoriza o mérito pessoal, o peso cada vez maior da publicidade e do consumo vieram demonstrar as vantagens práticas da preparação retórica.

A redescoberta da retórica no pós-guerra tornou evidentes os vínculos que a unem à crítica literária, à política e ao direito, revelou o seu interesse para a filosofia e a teologia e até o contributo que pode oferecer às ciências naturais e às tecnologias, tanto na discussão das formas mais adequadas de comunicar com a opinião pública, como na reflexão nunca concluída sobre a responsabilidade social da ciência (Classen 1988). Por outro lado, o crescente interesse pela história da retórica permitiu avaliar melhor em que medida esta arte marcou a Cultura do Ocidente, não só na literatura, mas também nas artes plásticas, na pintura e na música.

---

a morte da retórica é dado assente, a retórica, pseudo-ciência, perde na comparação com as novas ciências da linguagem.

Assim, na esteira de R. Volkmann (*Die Rhetorik der Griechen und Römer in systematischer Übersicht*, 1885) e E. Norden (*Die Antike Kunstprosa*, 1898) aparecem as histórias da retórica grega e latina de D. L. Clark, G. Kennedy, J. Martin e A. Leeman. Dando sequência ao labor de Charles S. Baldwin (*Medieval Rhetoric and Poetic to 1400 Interpreted from Representative Works*, 1928) e E. R. Curtius (*Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*, 1948), a retórica medieval é estudada, entre outros, por H. Caplan, J. J. Murphy e J. Longère. Finalmente, a história da retórica renascentista sofre grande impulso com as obras e edições de E. Garin, C. Vasoli, B. Weinberg e P.-O. Kristeller.

A partir de 1970, o crescente interesse pela retórica, e em particular pela retórica do período do Renascimento, beneficia também do geral desenvolvimento dos estudos sobre o Humanismo e da afirmação do Latim Renascentista como nova disciplina: é criada a *International Association for Neo-Latin Studies*, com os seus congressos bienais, relança-se a *Humanistica Lovaniensia*, é fundada a *Société Française des Seizièmistes*.

Assim, na década de 70 assiste-se na Europa a um verdadeiro ‘renascimento da retórica’. Mas o interesse desloca-se do período do barroco para as retóricas dos sécs. XV e XVI. Religando retórica e política, surgem teses extremistas como as que identificam Renascimento e retórica (Burger) ou proclamam a ‘ubiquidade da retórica’ (Dockhorn, vd. Schanze

1983: 105-125). Estudiosos como H. Gray, J. Seigel e N. Struever sustentam que a retórica constitui a chave de compreensão do humanismo e da cultura do Renascimento em geral. Posições mais razoáveis adota P. O. Kristeller, embora se sinta na necessidade de clarificar a sua perspectiva:

«I do believe that Renaissance rhetoric is much more important, in need of much more study and attention, than most scholars of the past few generations were willing to admit. However, I never meant to say and I still do not believe that Renaissance humanism, let alone Renaissance thought and learning in general, is reducible to rhetoric alone» (Kristeller 1983: 1-19).

De facto, nos últimos trinta anos, propaga-se uma verdadeira pandemia retórica. É estudada a retórica de todas as épocas e lugares, é relacionada com as mais variadas disciplinas, é invocada a propósito de tudo e de nada: de palavra depreciada torna-se santo e senha de oportuno *aggiornamento* (Kennedy 1998). Multiplicam-se os colóquios e congressos, pululam os centros de investigação, reproduzem-se as sociedades científicas. Como exemplo, registem-se a *International Society for the History of Rhetoric* e *The International Medieval Sermon Studies Society* (que se desdobram em associações nacionais), o *European Center for the Study of Argumentation*, dirigido por Michel Meyer, para não falar dos Departamentos de Retórica e Comunicação existentes em inúmeras universidades americanas. Para lá do efémero ficam as publicações periódicas e

colecções, como a *Library of Rhetorics* (Kluwer Academic Publishers), a *Ars Rhetorica* (Hitzeroth, Marburgo) ou, entre nós, a *Argumentos* (Edições Asa). Além das revistas de estudos filológicos, linguísticos e literários que acolhem frequentemente trabalhos nesta área, são já legião os periódicos da especialidade, como o *Quartely Journal of Speech*, *Speech Monographs* (depois de 1968 *Speech Abstracts* e a publicação anual *A Bibliography of Rhetoric and Public Adress*), *Argumentation*, *Rhetorica*, *Medieval Sermon Studies*, *Rhetorik*, *Rhetorical Society Quartely*, *Philosophy and Rhetoric*, *Logo*, para não falar das publicações digitais em edição *on-line*.

No longo processo, que se poderia designar de ‘renascimento’ da arte oratória, avulta, pois, como elemento decisivo, o interesse pela história da retórica e, em particular, a atenção que têm suscitado tratados, manuais e compêndios dos sécs. XV e XVI<sup>9</sup>. Ora, como se verá em trabalhos reunidos no presente volume, no período do Renascimento também em Portugal esta arte se tornou não só disciplina essencial à formação do humanista, como ainda doutrina que acabará por impregnar os demais saberes.

---

<sup>9</sup> Testemunham o resultado de tal labor alguns *Companions* editados pela Cambridge UP, pela Brill ou pela Blackwell, e, na literatura mais especializada, obras como a *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne 1450-1950*, ed. por M. Fumaroli (Paris, Presses Universitaires de France, 1999), a segunda edição do utilíssimo rol coligido por Lawrence Green e James Murphy, *Renaissance Rhetoric. Short-Title Catalogue 1460-1700* (Adershot, Ashgate, 2006), ou a ainda mais recente *A History of Renaissance Rhetoric (1380-1620)* de Peter Mack (Oxford, OUP, 2011).

A retórica medieval revelara já múltiplas possibilidades de aplicação; a evidência da sua utilidade assegura a transmissão de alguns monumentos da herança greco-latina, mas concorre também para o aparecimento de novas disciplinas. No Portugal medievo, os preceitos, embora disponíveis em textos de Santo Agostinho e S. Gregório Magno, difundem-se sobretudo através da enciclopédia de Santo Isidoro. Entrando o séc. XV, a pouco e pouco começam a emergir os clássicos, mais Cícero que Aristóteles, mais o Estagirita que Quintiliano; vencidos os estreitos limites da vulgata tardia, transmitida pelo livro II das *Etymologiae*, deixa a arte retórica de estar circunscrita à esfera eclesiástica. O interesse por Cícero e pela arte do discurso, favorecido pelas traduções patrocinadas pelos príncipes de Avis, eleva o saber retórico a fonte de distinção social. Mas, lembrava Cícero, no tratado que se tornou guia espiritual de humanistas, «tal como um campo, por fértil que seja, não pode dar fruto se não for cultivado, assim o espírito se não for ensinado» (Tuscul. 2. 13). Ora, lançando mão da metáfora agrícola presente no termo latino, poder-se-ia dizer que ao longo de Quatrocentos se foi preparando o terreno para receber o determinativo ciceroniano, a *cultura animi*, mudança que reclama acção humana, instrumentos adequados e vontade perseverante.

Com efeito, a vinda de mestres italianos, o envio de estudantes para Itália, a protecção da actividade editorial, a criação na corte de um ambiente favorável ao humanismo são méritos do reinado de D. João II.

A obra de Cataldo comprova, como tem mostrado Américo da Costa Ramalho, esse primeiro esforço de integração da cultura nacional na *respublica litteraria*; é, pois, no último quartel do séc. XV que se alarga o nosso horizonte cultural, mercê da vulgarização do livro e da escrita, do intercâmbio com a pátria do humanismo, da renovação da pedagogia. Não tardam os frutos deste primeiro humanismo cortesão ou palaciano. No dobrar do século, surgem inequívocos sinais de mudança na prática escolar; os textos pedagógicos reflectem bem o conflito entre os apologistas dos novos métodos e os gramáticos de velha escola. Embora não isento de polémica, o processo não pára; atestam-no a gramaticografia, a lexicografia, a difusão da tratadística retórica e, restabelecida a comunicação entre a *ars recte loquendi* e a *ars bene dicendi*, rapidamente o ensino gramatical se orienta para a busca da *eloquentia*, faculdade indispensável ao discurso político e religioso. As orações universitárias das primeiras décadas de Quinhentos documentam essa reconstrução da unidade dos saberes sob a égide da gramática, *origo et fundamentum omnium liberalium artium*, desenvolvimento que só a difusão de novos manuais tornou possível, ao transformar um saber meramente linguístico em disciplina de estudos literários. A influência de Lorenzo Valla e a circulação da *Institutio Oratoria* de Quintiliano contribuíram por certo para dar ao critério da elegância tal primazia na elaboração gramatical; por isso o *usus*, a imitação dos autores, se constitui agora indicador seguro do grau de aceitação da mensagem humanista. Ora, se à colonização

retórica da instrução gramatical não é alheia a vontade de imitar os antigos, não será decerto ilegítimo presumir uma correlação entre o avanço dos estudos retóricos e o progresso do humanismo. Que as coisas assim se passaram comprovam-no tanto a eloquência sacra como a oratória profana; embora em graus diferentes, uma e outra tendem a preferir o discurso epidíctico, depreciando o *docere* em favor do *mouere*. Assim, apesar da dificuldade em fixar-se nos *curricula* escolares, após cinquenta anos de propagação do humanismo, para todos é claro o valor formativo e informativo da arte retórica.

Finalmente, com as reformas empreendidas por D. João III e a instituição de novos pólos de difusão do humanismo, não só conquista a retórica merecida autonomia nos planos curriculares, como acaba também por estender a sua influência ao campo da dialéctica. O recenseamento dos materiais didáctico-pedagógicos disponíveis revela um aumento considerável dos meios de difusão da teoria oratória; no segundo quartel de Quinhentos, a circulação da retórica humanista foi sem dúvida extensa e profunda. Verificou-se, no entanto, por essas décadas de 1530-1540, uma mudança iniludível e de enormes consequências: sobretudo em razão da política cultural de D. João III – que não pode deixar de se associar a interesses comerciais e de estratégia diplomática – o humanismo norte-europeu torna-se o interlocutor principal do humanismo português. A vinda de mestres da área renano-flamenga, a formação parisina-lovaniense dos bolseiros régios, o acolhimento

da obra de Erasmo são factores que não podem ser ignorados para se compreender a reorientação que sofrem então os estudos retóricos. A larga repercussão das obras de Trebizonda, Agrícola, Erasmo e Melanchthon, o acolhimento das suas doutrinas nos manuais de João Vaseu e Joachim Ringelberg modificam equilíbrios na economia do sistema retórico, alteram a relação entre as artes do discurso, interferem no modo de entender os retores clássicos. De facto, no que tange à recepção da retórica antiga, o humanismo em Portugal não deixa de acompanhar o que sucedia na Europa. Que a Retórica aristotélica não era ignorada mostram-no os comentários de António Pinheiro, algumas orações académicas, ou o ensino de André de Resende; o mesmo se poderá dizer em relação à *Institutio Oratoria* de Quintiliano, considerando aqueles textos ou o compêndio de Nebrija. A influência destas obras, no entanto, não pode de forma alguma comparar-se à fortuna que conheceu a retórica ciceroniana, seja pelo conhecimento directo da tratadística do autor latino, seja pelo uso escolar das suas *orationes* e, tão ou mais importante, pela tradução em vulgar de alguns dos seus diálogos mais apreciados. É verdade que o influxo do Estagirita nas escolas portuguesas ganhou novo fôlego com a abertura do Colégio das Artes, mas esse aristotelismo humanista nada acrescenta à concepção ecléctica que já distinguia a retórica do Norte. Decisivo, isso sim, continuava a ser o debate em torno da *Tulliana imitatio*; o que muda com a entrega do Colégio das Artes à Companhia de Jesus não será tanto a atenção a Aristóteles, mas a atitude perante

o ciceronianismo. Não foram apenas razões de ordem religiosa que levaram, por meados de Quinhentos, o humanismo português a virar-se de novo para Itália, acompanhando, aliás, um movimento mais geral que ultrapassa fronteiras confessionais. A partir dessa altura, limitado o contacto com as escolas da área norte-europeia, o humanismo devoto e a influência da Companhia de Jesus estabelecem entre nós o ciceronianismo moderado. Regressa uma concepção retórica centrada na aquisição da *eloquentia* que privilegia a sua utilidade e eficácia; como para os primeiros humanistas, a arte oratória passa a ser entendida antes de mais enquanto *uis* e *facultas* que uma contínua *exercitatio* pode aperfeiçoar. Como não podia ser ignorada a lição erasmiana, nem a redescoberta das doutrinas de Dionísio de Halicarnasso, Demétrio de Faléron ou do Pseudo-Longino, é, agora, sobretudo no ensino dos mestres jesuítas, um outro Cícero que é proposto à imitação, o Cícero imitador de Demóstenes que combina *suavitas* e *uis oratoria*, *copia* e *emphasis*, tudo regulando pelo critério do *apte dicere*. Assim se reanima, pois, mais uma vez o debate em torno da *Tulliana imitatio*; superada a controvérsia da imitação múltipla ou exclusivista, retornam com nova pertinência questões que já tinham ocupado os primeiros polemistas do ciceronianismo: legitimidade do recurso aos *spolia Aegypti*, definição do *optimus stilus*, fixação de um modo de imitar.

Se a história da retórica nos oferece um excelente ponto de observação do horizonte cultural de qualquer época, dada a natureza do movimento humanista,

mais esclarecedora ainda se mostra no que respeita ao período do Renascimento. A busca da eloquência marca todo o esforço de renovação pedagógica empreendido pelos humanistas. Por isso, a questão da *imitatio* atravessa todo o século. Por essa razão talvez se possa afirmar também que em nenhuma outra época foi tão estreita a dependência e contiguidade entre o ensino, a produção literária e a vida intelectual. Nas discussões retóricas, poder-se-á reconhecer ao longo de todo o período uma linha de fractura entre duas concepções: por um lado, o entendimento aristotélico-ciceroniano da arte oratória como *facultas* que permite encontrar os meios adequados à persuasão; por outro, a perspectiva beletrística, fundada sobretudo em Quintiliano, que, vendo a retórica como *uirtus e ars bene dicendi*, favorece a redução da arte ao estudo dos recursos elocutivos. Por isso os debates retóricos não se limitaram à esfera pedagógica ou literária: daquela oposição decorriam outras escolhas ricas de consequências, o problema da moralidade ou neutralidade moral da retórica, da compatibilidade entre a fé cristã e a cultura antiga, da autonomia do saber, do vínculo que une ou não a retórica às demais artes e ciências. Cícero, naturalmente, tinha que estar no centro de todas as discussões e com ele a retórica, essa disciplina que vincula todas as artes, *quae ad humanitatem pertinent*. A influência italiana que marcou o primeiro meio-século de humanismo em Portugal poderia ter gerado algo mais do que uma certa abertura ao ciceronianismo exclusivista, não fora o forte condicionamento representado pelos discípulos

de Poliziano. Numa segunda fase, nas décadas de 1530-1540, a preponderância de mestres formados em Paris e Lovaina, bem assim a recepção das doutrinas erasmianas, carregaram os contornos de outro tipo ciceroniano, o Cícero histórico redimido das peias de paradigma universal. É a uma nova versão desse Cícero, modelo de imitador, de fidelidade ao *apte dicere*, que regressa também o nosso ciceronianismo da segunda metade de Quinhentos; o interesse por Horácio e Aristóteles só contribuirá para lhe avivar os tons, dando-lhe suporte teórico e espessura histórica. Em contraste com as propostas parcelares ou restritivas da geração anterior, assim se apresenta no ensino dos jesuítas, ou na *eloquentia* de Tomé Correia, uma retórica integral que, fiel à concepção aristotélico-ciceroniana, reforça a ligação da arte oratória às demais disciplinas dos *studia humanitatis*, valorizando a *elocutio* e o ornato, mas também a *inuentio* e a tópica, quer dizer, a *argumentatio*, de modo a juntar à *copia* e à *concinntas* a *uis* e a *uehementia*. Se a própria evolução do nosso humanismo, que se orientou primeiro para Itália, depois para o eixo Paris-Lovaina, e por fim para Roma, impediu a formação de uma corrente ciceronianista radical, não é menos verdade que em Portugal, ao longo de todo o período do Renascimento Cícero foi sempre o mestre mais seguido.

## BIBLIOGRAFIA

- BRANCO, Camilo Castelo (1903, 2ª ed.), *O vinho do Porto: processo de uma bestialidade inglesa – Exposição a Tomás Ribeiro*, Porto, Chardron,<sup>2</sup> 1903.
- FUMAROLI M., (1986), «Rhétorique d'école et rhétorique adulte: remarques sur la réception européenne du traité «Du Sublime» au XVIe et au XVIIe siècle», *Revue d'Histoire Litteraire de la France* 86 : 33-51.
- CALBOLI, Gualtiero (1983), «L'Oratore senza microfono», *Ars Rhetorica Antica e Nuova*, Genova, Istituto di Filologia Classica e Medievale, 1983 : 23-56.
- VERDELHO, Telmo (1986), «Da isegoria: breve reflexão sobre o espaço verbal e o direito à palavra», *Revista da Universidade de Aveiro*. Letras 3 : 139-156.
- LEMPEREUR, A. (1990), *L'homme et la rhétorique*, Paris, Klincksieck.
- IJSSELING, S. (1976), *Rhetoric and Philosophy in Conflict: An Historical Survey*, The Hague, Nijhoff.
- COHEN, D. (1994), «Classical rhetoric and modern theories of discourse», in WORTHINGTON, I. (ed.) *Persuasion, Greek Rhetoric in Action*, London, Routledge: 69-82.
- MANASSERO, M. (1994), «La nueva retórica de Chaim Perelman y la tradición aristotélica» in

- RUIZ CASTELLANOS, A. (ed.), *Primer encuentro interdisciplinar sobre retórica, texto y comunicación, t. I-II*, Cádiz, Publicaciones de la Universidad de Cádiz: 288-293.
- VASOLI, C. (1975), «La Nouvelle rhétorique di Perelman», in. BAEHR, Rudolf (ed.), *Attualità della rettorica. Atti del convegno italo-tedesco* (Bressanone, 1973), Padova, Liviana Editrice:15-36.
- GADAMER, H. G. (1994, 2<sup>a</sup> ed.), *Verdad y método II*, Salamanca, Ediciones Sígueme.
- FUMAROLI, M. (1987-88), «Rhétorique et société en Europe (XVIe-XVIIe siècles)». In «La République des Lettres» (I), *Annuaire du Collège de France* 88 : 417-434.
- LANSON, Gustave (1902), *L'Université et la société moderne*. A. Colin.
- FUMAROLI, M. (1979), «Protée et Prométhée: réflexions sur l'histoire de la Rhétorique» in *Colloque sur la Rhétorique. Calliope I*, Paris, Les Belles Lettres: 363-373.
- GENETTE, G. (1969), «Enseignement et rhétorique au XXe siècle», *Figures II*, Paris, Seuil, 1969: 23-42.
- CLASSEN, C. J. (1988), «Ars Rhetorica: L' essence, possibilities, Gefahren», *Rhetorica* 6.1: 7-19.
- SCHANZE, H. (1983,) «Problems and Trends in the History of German Rhetoric to 1500», in

- MURPHY, J. (ed.), *Renaissance Eloquence*, Berkeley, University of California Press: 105-125.
- KRISTELLER, P. O. (1983), «Rhetoric in Medieval and Renaissance Culture», in MURPHY, J. (ed.), *Renaissance Eloquence*, Berkeley, University of California Press: 1-19.
- KENNEDY, G. (1998), *Comparative Rhetoric*, Oxford, Oxford University Press.
- BARTHES, R. (1870), «L'ancienne rhétorique. Aide-mémoire», *Communications* 16 : 172-229.
- FUMAROLI, M. ed. (1999), *Histoire de la rhétorique dans l'Europe moderne 1450-1950*, Paris, Presses Universitaires de France.
- GREEN, L. – MURPHY, J. (2006), *Renaissance Rhetoric. Short-Title Catalogue 1460-1700*, Adershot, Ashgate.
- MACK, P. (2011), *A History of Renaissance Rhetoric (1380-1620)*, Oxford, OUP.